

Natáli Aquemi Fugimoto Ribeiro

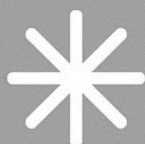
APRENDIZADO DA LEITURA DA CRIANÇA: *UMA CONQUISTA PARA AUTONOMIA*



Editora
MultiAtual

Natáli Aquemi Fugimoto Ribeiro

APRENDIZADO DA LEITURA DA CRIANÇA: *UMA CONQUISTA PARA AUTONOMIA*



Editora
MultiAtual

© 2021 – Editora MultiAtual

www.editoramultiatual.com.br

editoramultiatual@gmail.com

Autora

Natáli Aquemi Fugimoto Ribeiro

Editor Chefe: Jader Luís da Silveira

Editoração e Arte: Resiane Paula da Silveira

Capa: Freepik/MultiAtual

Revisão: A autora

Conselho Editorial

Ma. Heloisa Alves Braga, Secretaria de Estado de Educação de Minas Gerais, SEE-MG

Me. Ricardo Ferreira de Sousa, Universidade Federal do Tocantins, UFT

Me. Guilherme de Andrade Ruela, Universidade Federal de Juiz de Fora, UFJF

Esp. Ricael Spirandeli Rocha, Instituto Federal Minas Gerais, IFMG

Ma. Luana Ferreira dos Santos, Universidade Estadual de Santa Cruz, UESC

Ma. Ana Paula Cota Moreira, Fundação Comunitária Educacional e Cultural de João Monlevade, FUNCEC

Me. Camilla Mariane Menezes Souza, Universidade Federal do Paraná, UFPR

Ma. Jocilene dos Santos Pereira, Universidade Estadual de Santa Cruz, UESC

Esp. Alessandro Moura Costa, Ministério da Defesa - Exército Brasileiro

Ma. Tatiany Michelle Gonçalves da Silva, Secretaria de Estado do Distrito Federal, SEE-DF

Dra. Haiany Aparecida Ferreira, Universidade Federal de Lavras, UFLA

Me. Arthur Lima de Oliveira, Fundação Centro de Ciências e Educação Superior à Distância do Estado do RJ, CECIERJ

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Ribeiro, Natáli Aquemi Fugimoto
R484a Aprendizado da Leitura da Criança: Uma Conquista para Autonomia / Natáli Aquemi Fugimoto Ribeiro. – Formiga (MG): Editora MultiAtual, 2021. 50 p. : il.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-89976-05-9

DOI: 10.5281/zenodo.5546344

1. Aprendizado. 2. Leitura da Criança. 3. Conquista 4. Autonomia. I. Ribeiro, Natáli Aquemi Fugimoto. II. Título.

CDD: 372.4

CDU: 37

Os artigos, seus conteúdos, textos e contextos que participam da presente obra apresentam responsabilidade de seus autores.

Downloads podem ser feitos com créditos aos autores. São proibidas as modificações e os fins comerciais.

Proibido plágio e todas as formas de cópias.

Editora MultiAtual

CNPJ: 35.335.163/0001-00

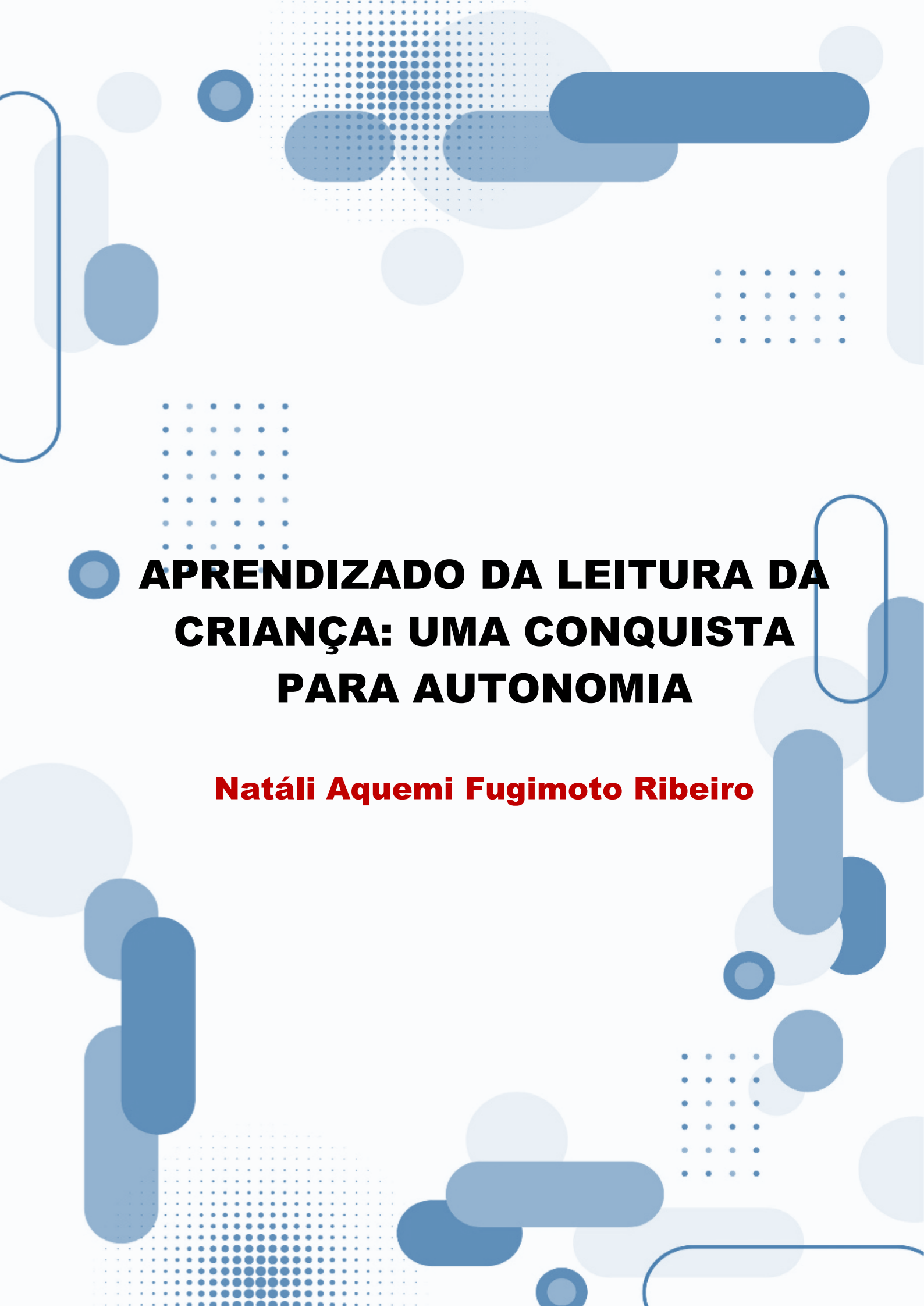
Telefone: +55 (37) 99855-6001

www.editoramultiatual.com.br

editoramultiatual@gmail.com

Formiga - MG

Catálogo Geral: <https://editoras.grupomultiatual.com.br/>



**APRENDIZADO DA LEITURA DA
CRIANÇA: UMA CONQUISTA
PARA AUTONOMIA**

Natáli Aquemi Fugimoto Ribeiro

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	07
Capítulo I: POR QUE UMA PESQUISA SOBRE A LEITURA?	10
Capítulo II: RECONCEITUANDO A LEITURA	16
Capítulo III: A COMPREENSÃO NA LEITURA	32
CONSIDERAÇÕES FINAIS	44
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	47
A AUTORA	50

The background is a white canvas decorated with various blue geometric elements. There are several circles of different sizes and shades of blue. Some circles are solid, while others are composed of a grid of small dots. There are also rounded rectangles and elongated shapes in various shades of blue. The overall aesthetic is clean, modern, and minimalist.

INTRODUÇÃO

INTRODUÇÃO

Vivemos em uma sociedade em que o sucesso depende primordialmente do sucesso escolar, porém o fracasso escolar é o assunto mais discutido quando falamos em educação.

Tendo em mente o porquê do fracasso escolar, logo percebemos que ele ocorre porque os alunos não interpretam o que lêem, muitas vezes chegam ao 5º ano e mal sabem decodificar. Para isto esta pesquisa se empenhou em pesquisar como a criança se torna um leitor, e como passa de um decodificador para um interpretador.

A pesquisa teve caráter primeiramente bibliográfico, que girou em torno do aporte teórico utilizando os seguintes teóricos: Chameux (1997), Darnton (1992), Freire (1987), Kato (2007), Kleiman (1997), Koch e Elias (2009), Martins (1994), Solé (1998), Terzi (2006) e Vieira (1998) entre outros autores. Como também foi utilizada a observação participante, na escola onde atuo como estagiária no 1º ano do Ensino Fundamental, com crianças de 6/7 anos que estão na fase de alfabetização observei durante nove meses.

A observação em especial no ambiente de trabalho proporcionou ter maior contato com as crianças e assim compreender quais são alguns estímulos que as crianças recebem; o que proporciona maior desenvolvimento, foi possível observar que é essencial a interação e o conhecimento prévio para a formação de leitores.

A observação foi o recurso que proporcionou o entendimento e esclarecimento de pontos do objetivo geral: compreender como a aprendizagem da leitura acontece, como também proporcionar entendimento dos objetivos específicos: como estimular a leitura nas crianças; quais dispositivos eram eficazes; que estratégias são utilizadas para o desenvolvimento da leitura e qual a diferença do interpretador e do decodificador.

O trabalho está organizado com um capítulo introdutório descrevendo a temática, justificando o porquê foi importante realizar a pesquisa, seguido da abordagem metodológica abordada.

O capítulo seguinte inicia-se com uma consideração breve sobre o percurso da leitura na história. Passando primeiramente pela escrita a forma utilizada para registrar a oralidade, ela passou por diversos avanços tendo início na forma de escrita pictográfica, passando pela ideográfica, alfabética até que os gregos adaptassem

agregando por fim as vogais a escrita. Como a escrita foi o meio de registrar acontecimentos históricos a leitura era inevitável, teve grande esforço ainda na Idade Média chegando por fim ao avanço do livro impresso.

A discussão sobre o ato de ler inicia-se estabelecendo que seja necessário ter objetivos para ler, o qual envolve várias facetas como o decodificar, conhecer, interpretar, adivinhar, perceber, decifrar. Além do objetivo há a curiosidade do leitor, o exemplo, a condição social, tudo interfere de uma forma ou de outra na aprendizagem da leitura. Ainda que a leitura seja um ato que não se ensina, mas se conquista. Essa discussão gira em torno dos níveis de leitura sensorial, emocional e racional.

A ação de ler não depende unicamente da ação do professor, tendo isso em mente não deve ter como modelo de aprendizagem a educação bancária, em que o aluno nada sabe e o professor é o dono do conhecimento. Mas sim adotar uma postura de instigador do conhecimento criando situações-problemas.

O trabalho segue com um capítulo dedicado a compreensão na leitura, na discussão aparecem relatos da observação participante. Aborda discussões em torno do conhecimento prévio, conhecimento de mundo, conhecimento lingüístico que o leitor tem sobre a temática do texto. No ato de ler estabelecemos estratégias que ativam os conhecimentos já adquiridos ao longo de nossas vidas. Porém a construção de sentido pode ser interrompida por não ter um dos conhecimentos, por exemplo, o conhecimento lingüístico, não saber o significado de uma palavra pode atrapalhar a compreensão do texto.

A leitura é uma das facetas da alfabetização que se inicia normalmente com o conhecimento do código lingüístico, através deste conhecimento é possível fazer relação entre som e representação gráfica.

Antes de se trabalhar a leitura de textos, a linguagem oral é uma das estratégias utilizadas para a compreensão. A interferência do professor para indicar o caminho para a compreensão é fundamental, apesar da leitura não ser propriamente ensinada é instigada para que o aluno tenha autonomia de construir sua aprendizagem, respondendo assim aos estímulos do professor.



Capítulo I

**POR QUE UMA PESQUISA SOBRE A
LEITURA?**

CAPÍTULO I

POR QUE UMA PESQUISA SOBRE A LEITURA?

1.1 Caminho percorrido

De acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais de Língua Portuguesa (1997), a leitura tem como finalidade formar bons escritores, mas para isto ser possível é necessário que as pessoas tenham um verdadeiro hábito de ler, o qual proporciona ao ser humano a capacidade de aprender, enriquecer seu vocabulário, obter conhecimento, dinamizar o raciocínio e a interpretação. Por outro lado, a falta de hábito faz com que as pessoas, por exemplo, não apreciem uma boa obra literária e, assim, tal hábito deve ser estimulado desde a infância.

Convém lembrar, ainda, que a atividade de leitura consiste em várias etapas/estratégias, além da decodificação, para que tenha fluência. A leitura fluente envolve a seleção, antecipação, inferência e verificação, sem as quais não é possível rapidez e proficiência; o leitor eficaz tem a capacidade de compreender o que está lendo e de ler o que não está escrito; o que o professor pode fazer, então, com esse processo de leitura, tão complexo, que se aprimora com o uso?

Em meio a esse trabalho nada fácil, podemos perguntar:

Existe algum método eficaz para ensinar a ler? A cada método que se aplica, há rumores de não ser o adequado. Enquanto adultos, entendemos que o método utilizado em nossa aprendizagem foi o melhor, considerando o resultado final: sabemos “ler”. Mas devemos lembrar que o que está incluído nesse ler não é uma simples decodificação de letras, sílabas, palavras. O simples decodificar não faz de um sujeito um leitor que saiba interpretar o que está lendo. Porém, como podemos ensinar, além da decodificação, a interpretação, visto que uma sala de aula tem, em média, 25/30 alunos, que, em sua maioria, apresentam diversas dificuldades? De que forma o professor poderá ensinar para que supra as dificuldades dos discentes?

O educador, além de ter a responsabilidade de ensinar os alunos a ler, escrever, contar e tantas outras atribuições inerentes a sua função, deve estabelecer uma vivência com eles na qual não fará o papel somente de professor, já que em uma sala lidamos com seres humanos, os quais têm necessidades físicas, psíquicas e emocionais. Nessa questão vemos professoras assumindo o papel de enfermeiras,

apaziguadoras de brigas entre seus alunos. Estas são situações que ilustram o dia atribulado de um docente, e no meio de tudo isso ele é cobrado pela direção, pelos pais e responsáveis, no sentido de que seus alunos aprendam a ler.

Sabemos que os primeiros anos da vida escolar do aprendiz estão focados na alfabetização, e uma das atribuições neste processo está no ato de ensinar a ler; “a aprendizagem da criança na escola está fundamentada na leitura”¹, o que não poderia ser diferente, pois é através desta que o aluno compreenderá os conteúdos a ele passados. Assim, surge uma questão: quais são os recursos utilizados pelo professor para a formação de leitores? Será que somente a utilização de textos do livro didático é suficiente para a aprendizagem? Como o educador tem chamado a atenção para, por exemplo, a literatura infantil? Ela está sendo inserida no cotidiano escolar, para o incentivo à leitura?

Ressalte-se que vivemos no século XXI e hoje, mais do que nunca, o ser humano precisa desenvolver uma “cultura de leitura” para não viver excluído da sociedade. Podemos dizer que saber ler dá poder, sim, poder, pois assim seremos aprendizes e formadores de opinião em todo ambiente social e democrático em que estivermos. Além disso,

[...] Ler continua sendo a ferramenta privilegiada de enriquecimento pessoal, pela manejabilidade e pela presença constantemente disponível dos objetos em que ela se faz presente, pela diversidade dos modos de acesso a ela, e pela extrema economia de sua utilização, a qual lhe permite ser, a todo instante, um objeto de degustação e de prazer incomparável.²

Enquanto leitores que somos, não fazemos ideia de quão prazeroso é ter essa habilidade; simples atividades como “pegar” um ônibus exige a leitura para não irmos parar no lugar errado e ficarmos perdidos. Assim, podemos concluir que, nesse caso e em tantos outros, temos o poder de saber para onde vamos e onde estamos, sem a ajuda de alguém. Na verdade,

A prática da leitura se faz presente em nossas vidas desde o momento em que começamos a “compreender” o mundo à nossa volta. No constante desejo de decifrar e interpretar o sentido das coisas que nos cercam, de perceber o mundo sob diversas perspectivas, de relacionar

¹ KLEIMAN, Angela, **Texto e leitor**: aspectos cognitivos da leitura, p.7.

² CHARMEUX, Eveline, **Aprender a ler**: vencendo o fracasso, p.14.

a realidade ficcional com a que vivemos, no contato com um livro, enfim, em todos estes casos estamos, de certa forma, lendo - embora, muitas vezes, não nos demos conta.³

No mundo em que vivemos, as pessoas registram suas ideias através da escrita, e, conseqüentemente, precisamos da leitura para estar em contato com as informações que as mesmas querem transmitir. Por exemplo, um panfleto informativo da Secretaria de Saúde não serve para nada, nas mãos de uma pessoa analfabeta.

Em nossos dias também está bastante difundida a questão do fracasso escolar, e se pergunta: Será que a culpa é do pedagogo? Realmente, o fracasso escolar está, e muito, ligado a como a criança aprende nas séries iniciais, pois “o sucesso escolar, o sucesso profissional, a liberdade e a autonomia do cidadão que ela se tornará, tudo depende também – e talvez antes de mais nada – de sua capacidade de leitura.”⁴ Por esses e inúmeros outros motivos, necessitamos da leitura, e aonde quer que vamos, o “mundo” se comunica através da escrita.

Enfim, o ato de saber ler é indispensável à vida de um cidadão, mas, infelizmente, apesar dessa importância, o curso de Pedagogia não nos subsidiou com o esclarecimento nem sequer a respeito dos métodos que já foram utilizados, no ensino da leitura; não sabemos como se faz na prática; a única coisa que plantaram em nós foram dúvidas. Conseqüentemente, quando formadas e, então, atuando em sala, cometeremos os mesmos erros das profissionais que tanto criticamos no período de estágio. Não queremos receitas, pois elas não existem, mas, sim, a segurança de que existe alguma forma de ensinar que funcione, pois temos preocupação com aquilo que devemos fazer.

Isto considerando, esta pesquisa teve como objetivo geral compreender qual é a melhor maneira de se formar um leitor a partir de sua aprendizagem nos primeiros anos da sua vida escolar. Deste modo, foram objetivos específicos:

1. Analisar os métodos existentes para o ensino da leitura;
2. Verificar quais são as diferenças entre ser um interpretador e um simples decodificador;
3. Mostrar como o leitor pode se tornar um interpretador;
4. Investigar quais são os dispositivos, utilizados pelos docentes, que contribuem para a formação de leitores.

³ CAROLINA, Maria, **A importância da leitura**, p.1.

⁴ CHARMEUX, Eveline, *op. cit.*, p.11.

1.2 Método utilizado

O presente estudo se fundamenta, primeiramente, na pesquisa bibliográfica, pois é o passo inicial na construção efetiva de uma pesquisa; após a escolha do tema é necessário fazer-se uma revisão bibliográfica, a qual auxilia na opção por um método mais apropriado. Assim, por meio da pesquisa bibliográfica, foi possível realizar a localização e a consulta de fontes diversas de informações escritas, para coletar dados gerais e/ou específicos do tema escolhido. Foi apropriado realizar tal pesquisa, pois através dela houve a possibilidade de examinar diferentes fontes, publicações impressas ou digitais, em forma de livros, dicionários, periódicos, resenhas, monografias, dissertações, teses, etc.⁵ Essa pesquisa bibliográfica reuniu um conjunto de autores que fundamentaram a discussão teórica, articulando as informações coletadas com um nível de análise crítica, não meramente descritiva. Este processo antecedeu a pesquisa de campo, que representa o elemento-chave de um estudo exploratório sobre o assunto que fora estudado: leitura.

Ao analisar as abordagens de pesquisa e os objetivos, o trabalho definiu-se como sendo uma abordagem qualitativa. A pesquisa com abordagem qualitativa é bastante flexível e apresenta caráter socializador, pois esse tipo de estudo leva em conta a complexidade e a particularidade; “não almeja alcançar a generalização, mas sim o entendimento das singularidades”.⁶ Os materiais registrados são revistos na sua totalidade pelo investigador como sendo instrumentos-chave para análise, os dados recolhidos têm a forma de palavras ou imagens e não de números⁷, o que é uma das qualidades da abordagem quantitativa.

A observação participante foi utilizada como instrumento necessário no esclarecimento dos objetivos propostos. Entende-se que, “usada como o principal método de investigação ou associada a outras técnicas de coleta, a observação possibilita um contato pessoal e estreito do pesquisador com o fenômeno pesquisado, o que apresenta uma série de vantagens”.⁸

⁵ SANTO, Eniel do Espírito, Pesquisa bibliográfica.

⁶ BIGNARDI, Fernando A. C., **Reflexões sobre a pesquisa qualitativa e quantitativa**: Maneiras complementares de apreender a realidade, p.2.

⁷ BOGDAN, Robert; BIKLEN, Sari, **Investigação qualitativa em educação**, p.48.

⁸ LUDKE, Menga; ANDRÉ, Marli E. D., **Pesquisa em educação**: abordagens qualitativas, p. 26.

Para tanto, aproveitou-se a regência de estágio do 4º ano de Pedagogia desenvolvida na Escola Jardim Gramado – CAIC. Ressalta-se, ainda, a experiência da pesquisadora como estagiária no 1º ano no Sesc-Escola. Foram observadas as práticas de leitura e escrita na sala de aula.

A investigação teve os seguintes passos: revisão de literatura; elaboração do instrumento de coleta de dados; coleta de dados e sistematização dos mesmos; análise e interpretação dos dados e elaboração do relatório de pesquisa.

The background is a light blue and white abstract composition. It features various geometric shapes: circles, rounded rectangles, and solid blue bars. There are also several patterns of small blue dots arranged in grids or halftone-like patterns. The overall aesthetic is clean, modern, and educational.

Capítulo II

RECONCEITUANDO A LEITURA

CAPÍTULO II

RECONCEITUANDO A LEITURA

2.1 Breve consideração sobre o percurso da leitura

Viver é construir história; um dia, a nossa vivência será história para gerações futuras. Acontecimentos, catástrofes, diariamente são noticiados. Quem não se lembra do dia 11 de setembro de 2001, acontecimento que ninguém mais esquece? Quem não o viveu, veio a saber depois, isso porque o século 21 já faz parte dos livros de história atuais.

Todo e qualquer avanço vem a se tornar história, e, de alguma forma, quando pensamos em história, primeiramente nos lembramos de livros que nos situam datas, locais, montando um cenário completo. Assim acontece também com a leitura, ela tem sua história.

O que antes era transmitido de forma oral teve a necessidade de se transformar em algo concreto. Antes da língua escrita foram inventadas outras formas de representar realidades vividas, como por exemplo, a escrita pictográfica, ou seja, escrita por meio de desenhos; depois, surgiu a escrita ideográfica, que utiliza figuras; ocorreu um avanço para a associação de símbolos fonéticos, ainda sem vogais com seus referentes: era a escrita alfabética, primeiramente chamada de silabário; houve outra adaptação dos gregos e da escrita fenícia, agregando as vogais.

A escrita foi um método que surgiu para registrar a cultura, os avanços sociais, políticos tecnológicos, etc. Ao longo dos anos, ela foi feita sobre diversas superfícies: barro, madeira, metal, osso, bambu, tecido, papiro, couro, entrecasca de árvore. O livro, no princípio, não era estruturado como vemos hoje, mas em forma de rolos de papiro, inventado pelos egípcios, o que dificultava a leitura.

Com o tempo, a leitura foi sendo difundida; para a reprodução dos textos, houve grande esforço, na Idade Média, por parte dos copistas, até a invenção da versão impressa surgiu em 1450, na Alemanha, por Gutenberg. Com os recursos da tipografia a reprodução se tornou ilimitada, e o que era lido em um determinado lugar poderia ser lido também em outros diversos. Isto proporcionou a expansão dos conhecimentos, popularizou o livro e foi um incentivo à democratização da educação.

Para se ter uma ideia das transformações introduzidas pela invenção do livro impresso, destaca-se que

A criação de Gutenberg veio garantir de modo irreversível a leitura individual e silenciosa. No que diz respeito ao leitor, pode-se dizer que ele passa a contar com uma série de vantagens como: a separação das palavras, a paragrafação, a numeração e a titulação de capítulos. De um leitor intensivo que dispunha apenas de um mínimo de diversidade de livros, vemos hoje um leitor potencialmente extensivo e autônomo, que dispõe de uma variedade de títulos para se apropriar, comparar e criar novos textos, a partir dos próprios comentários e das próprias reflexões.⁹

Depois da invenção da impressão a leitura foi difundida por muitos países, os diferentes gêneros ganhavam leitores, e os mais novos prevaleciam por um tempo. Um exemplo disso foi a ascensão da novela, que contrabalançou um declínio na literatura religiosa. O interesse pela leitura foi se alastrando: “homens e mulheres leram para salvar as almas, para melhorar seu comportamento, para consertar suas máquinas, para seduzir seus enamorados, para tomar conhecimento dos acontecimentos de seu tempo, e ainda simplesmente para se divertir”,¹⁰ e o gosto ia se moldando conforme as publicações eram oferecidas. Sabemos, contudo, que esse material não estava ao alcance de muitas pessoas, sendo poucos os que tinham a oportunidade de comprar livros. Em Paris, por outro lado, a leitura não assumia só a forma de livros, mas “envolvia a literatura popular, críticas violentas, cartazes, cartas pessoais e até letreiros nas ruas.”¹¹

A publicação das obras com o passar do tempo foi se intensificando, e a leitura tomou vários rumos, não se desenvolvendo em uma só direção; estendeu-se pelos jornais, novelas, literatura infantil, juvenil, dramas, etc. Foram abertas bibliotecas, que ofereciam um lugar com livros para a leitura, e em 1760 houve uma espécie de democratização da leitura, sendo que o número de livros emprestados nas bibliotecas dobrou. Isto oportunizou às camadas inferiores o acesso à leitura em diferentes âmbitos. Havia também os clubes de leitura, que se destinavam a uma classe de cultura burguesa, ainda no século dezoito.

⁹ HISTÓRIA da escrita até os dias de hoje. Disponível em: <http://www.g-sat.net/historia-1394/historia-da-escrita-ate-aos-dias-de-hoje-193548.html?langid=4>. Data de acesso: 14 nov. 2010.

¹⁰ DARNTON, Robert, **A escrita da história**: novas perspectivas, p. 207, 212.

¹¹ *Idem*, p.209.

Especialmente nos séculos XVI e XVII, a leitura era algo feito em função da espiritualidade; quando atentamos ao início da educação no Brasil nos deparamos com o ensino dos jesuítas que se baseava no propósito de alfabetizar por meio da catequização dos índios, ensinando-os a ler a Bíblia, a única fonte de leitura. Esta última, dessa forma, era uma atividade sagrada.

A leitura não tinha o mesmo significado que tem hoje, mas o de um estímulo para se recordar algo que a pessoa já sabia. Não era a aquisição de algo novo; por exemplo, as orações, que eram conhecidas de forma oral, eram escritas unicamente para se recordar. A educação, por sua vez, atendia ao que a igreja necessitava, a escolaridade era voltada aos rituais da igreja.

Naquela época a fonética não era como hoje, algumas letras representavam sons diferentes dos pronunciados hoje.

No século dezessete, dentro da escola, o indivíduo aprendia a ler, primeiramente, e o escrever era secundário, o que não acontece hoje, visto que as duas atividades são feitas simultaneamente. Pois como Kato ¹² nos coloca, não há como aprender a ler sem aprender a escrever, um aperfeiçoa o outro.

Assim como na França, naquele século algumas crianças frequentavam a escola por um período somente até aprender a ler, no Brasil também há essa singularidade, pois muitos, em tempos passados e atualmente, frequentavam e freqüentam a escola até saberem o básico, que é ler, escrever, e outros só aprendem a “desenhar” o nome. Todavia, mesmo que a frequência à escola não recebesse o enfoque necessário para que as crianças terminassem seus estudos, a leitura se tornou uma parte da cultura do homem.

Antes de os meios de comunicação avançarem e atingirem a forma que têm hoje, a literatura era um meio de passar o tempo. Vários autores se detiveram em contar as lendas populares da época em que viviam, e entre eles podemos citar os irmãos Jacob e Wilhelm Grimm, dois alemães que se dedicaram ao registro de várias fábulas infantis e Perrault, um escritor e poeta francês do século XVII que estabeleceu bases para um novo gênero literário: o conto de fadas. Este autor foi o primeiro a dar acabamento literário a esse tipo de literatura, feito que lhe conferiu o título de Pai da Literatura Infantil. Outros, em fábulas, denunciavam crimes da época, como abuso contra mulheres, ou, em contos magníficos, recontavam sua própria história, como “O

¹² KATO, Mary, **O aprendizado da leitura.**

patinho feio”, do escritor dinamarquês Hans Christian Andersen, publicado pela primeira vez em 11 de novembro de 1843 em *Nye Eventyr*.

Vê-se, então, que a leitura se tornou um hábito para muitos, e inclusive menciona-se que, “no século dezenove, grupos de artesãos, especialmente fabricantes de charutos e alfaiates, revezavam-se, lendo ou ouvindo um leitor para se manterem entretidos, enquanto trabalhavam”.¹³ A leitura era uma atividade social que ocorria em locais de trabalho, nos celeiros e nas tavernas e, quase sempre, de forma oral.

Convém neste ponto lembrar que o livro é determinado pela constituição feita pelos leitores, ou seja, são eles que dão sentido ao que está sendo lido. Portanto, ao falarmos em história da leitura, não poderíamos deixar de nos referir à mudança que ocorreu em virtude da leitura silenciosa; “a mudança para a leitura silenciosa pode ter envolvido um ajustamento mental maior que a mudança para o texto impresso, pois ela transformou a leitura em uma experiência individual, interior.”¹⁴

Ainda no que se refere às transformações nos sentidos da leitura, após o avanço do livro impresso, durante meio século ele continuou a ser uma imitação do livro manuscrito, contudo sem perder seu público;

Mas após 1500, livros, panfletos, manifestos, mapas e cartazes impressos atingiam novos tipos de leitores e estimularam novos tipos de leitura. Cada vez mais padronizado em seu formato, mais barato em seu preço e espalhado em sua distribuição, o novo livro transformou o mundo. [...] Proporcionava uma forma de entendimento, uma metáfora básica do sentido da vida.¹⁵

Verifica-se deste modo, o avanço no campo da leitura, com leitores iniciantes que deram uma nova ênfase aos novos tipos de leitura, o livro fazendo parte da vida, dando compreensão e novas possibilidades no que se refere à diversidade de leituras e meios para adquiri-las.

¹³ DARNTON, Robert, op. cit., p. 216.

¹⁴ DARNTON, **A escrita da história**: novas perspectivas, p. 231-232.

¹⁵ *Idem*, p. 232.

2.2 Concepções de leitura

A leitura poderia ser definida simplesmente como o ato de ler; entretanto, nesse ato estão embutidas outras ações, e portanto esta definição não está errada, porém incompleta. O ato de ler é muito mais complexo do que imaginamos: estão incluídos nessa grande faceta do ser humano o decodificar, conhecer, interpretar, adivinhar, perceber, decifrar. Todo esse envolvimento não é realizado sem um objetivo; o leitor ao ler tem uma finalidade, a interação com o texto não é feita por nada. Como na química, em que toda ação tem uma reação, na leitura lemos porque pretendemos algo, que pode se obter uma informação, ampliar um conhecimento ou nos distrair: não importa qual seja a razão que mova o ato de ler, ele sempre estará presente quando a leitura for prazerosa, e o leitor com um objetivo buscará entender o texto, mesmo que para isso tenha que ler mais de uma vez.

Ler envolve um objetivo, interação com o texto e compreensão, isto é,

leitura é o processo mediante o qual se compreende a linguagem escrita. Nesta compreensão intervêm tanto o texto, sua forma e conteúdo, como o leitor, suas expectativas e conhecimentos prévios. Para ler necessitamos, simultaneamente, manejar com destreza as habilidades de decodificação e apontar ao texto nossos objetivos, ideias e experiências prévias; precisamos nos envolver em um processo de previsão e inferência contínua, que se apoia na informação proporcionada pelo texto e na nossa própria bagagem, e em um processo que permite encontrar evidência ou rejeitar as previsões e inferências antes mencionadas.¹⁶

Quando falamos em leitura pensamos em algo como ler revistas, textos, livros; entretanto, a leitura abrange muito mais do que isso; por exemplo, como compreender uma determinada situação é um tipo de leitura. Temos hoje a necessidade de ler o mundo, pois a sociedade basicamente só pode ser compreendida através da leitura e, se não lemos, não compreendemos. Também o estranhamento é um meio de leitura, dar sentido ao que e quem nos cerca são os primeiros passos para aprender a ler.¹⁷

¹⁶ SOLÉ, Isabel, **Estratégias de leitura**, p.23.

¹⁷ MARTINS, Maria Helena, **O que é leitura**.

A proposta de escola, em nosso meio, é de que a instituição seja um lugar onde se proporcione a interação dos alunos uns com os outros, a sociabilidade. Diante disso, não devemos nos esquecer de que o papel principal da escola é mediar o conhecimento. Martins¹⁸ salienta que “ninguém ensina ninguém a ler; o aprendizado é, em última instância, solitário, embora se desencadeie e se desenvolva na convivência com os outros e com o mundo”. Enquanto professores, somos mediadores do conhecimento, responsáveis por criar situações-problema, para que a criança, de forma autônoma, resolva as mesmas, construindo assim seu conhecimento, sua forma de ler o mundo, de interpretar a situação.

A leitura não é algo mágico, embora alguns autores defendam isso, mas é pela ação que é aperfeiçoada. Outro fator que é facilitador da leitura é a curiosidade, que, quando instigada, pode proporcionar o desvendamento de “segredos” através do que se lê, e a curiosidade só nasce quando estimulada.

A exemplo disso, Terzi¹⁹ cita casos de crianças de sua pesquisa que não davam muita importância para a escolarização, porque suas famílias não ofereciam exemplo em casa, e alguns pais até mesmo não sabiam qual era a finalidade de ir à escola, pois não tinham escolaridade e sua vida era trabalhar para não faltar alimentação para a família; consideravam que estudar era para quem não necessitava tanto de trabalhar. Já em outro caso, uma mãe apoiava os estudos do filho, para que ele tivesse um emprego melhor que seu marido. Como se vê, o estímulo e o exemplo são relevantes, e mediante eles a criança saberá por que é tão importante estudar e aprender a ler.

O exemplo é fundamental para a formação do indivíduo. Se em casa a família tem o hábito de ler, a curiosidade e vontade em aprender a ler são maiores para a criança, e ela terá motivos para aprender. Caso o contrário aconteça, ou seja, uma criança conviva com pessoas de pouca escolaridade, que não têm o hábito de ler, de incentiva-la, de mostrar a importância do conhecimento, essa criança vai ficar desmotivada a ir para a escola aprender uma coisa que não tem sentido em sua vida. Nessas situações, cabe a ação do professor, no sentido de, além de mediar o conhecimento, ser instigador da vontade de aprender, lembrando que,

Quando começamos a organizar os conhecimentos adquiridos, a partir das situações que a realidade impõe e da nossa atuação nela; quando

¹⁸ *Idem*, p. 12.

¹⁹ TERZI, Sylvia Bueno, **A construção da leitura**.

começamos a estabelecer relações entre as experiências e a tentar resolver os problemas que se nos apresentam – aí então estamos procedendo leituras, as quais nos habilitam basicamente a ler tudo e qualquer coisa.²⁰

Ao passarmos a adquirir experiências de leitura, nosso olhar sobre o mundo se modifica, pois com ela passamos a pertencer a uma sociedade que tem ao alcance a informação, o que pessoas que não sabem ler não têm.

Pode-se afirmar que os fatores que contribuem para as barreiras ao ato de ler encontram-se nas questões ligadas às condições de vida, em nível pessoal e social. A questão social interfere na visão de mundo, ou seja, nos objetivos que o indivíduo tem para sua vida, que serão essenciais para a motivação para aprender. Por vivermos em uma sociedade capitalista, na qual as camadas populares são discriminadas, a leitura, que deveria ser uma atividade que proporcionasse lazer e prazer, enriquecimento cultural e ampliação de horizontes²¹, tem esta concepção somente para as camadas dominantes.

As camadas populares, chamadas também de dominadas, por sua vez, têm interesses diferentes. O acesso à leitura, à escolaridade, por exemplo, tem a finalidade, muitas vezes, de lhes proporcionar um emprego melhor. Como também de torná-los capazes de ler o contrato de emprego para não serem enganados quando o assinarem; ou não serem lesados quanto ao pagamento que lhes é de direito. Estas situações têm apenas um valor de produtividade, ou seja, conforme a indústria foi evoluindo, a tecnologia foi avançando, a mão de obra teve que se adequar às situações impostas, e a falta de acesso à informação, que é feito principalmente por meio de portadores de textos, deixa muitas pessoas excluídas da vida social.

Assim, considera-se que, com objetivo estabelecido, haverá motivação para ler e que “tudo quanto de fato impressionou a nossa mente jamais é esquecido, mesmo que permaneça muito tempo na obscuridade do inconsciente,”²² pois a memória é um fator importante, para a vida e para a leitura, isso porque a leitura faz parte da vida social.

²⁰ MARTINS, Maria Helena, *op. cit.*, p.17.

²¹ SOARES, Magda Becker, **As condições sociais da leitura**: uma reflexão em contraponto, p. 25.

²² MARTINS, Maria Helena, *op.cit.*, p.19.

A aprendizagem da leitura, ademais, “significa uma conquista de autonomia, permite a ampliação dos horizontes, implica igualmente um comprometimento, acarreta alguns riscos”.²³

Acrescenta-se que o ato de ler está ligado às condições internas e externas, podendo ser estas ideais ou precárias, isso porque o meio interfere no sujeito que é o leitor. A leitura não é um ato solitário, “é interação verbal entre indivíduos, e indivíduos socialmente determinados: o leitor, seu universo, seu lugar na estrutura social, suas relações com o mundo e com os outros; o autor, seu universo, seu lugar na estrutura social, suas relações com o mundo e os outros;”²⁴ há, então, um diálogo entre as partes envolvidas na leitura.

No que toca à vida escolar, leitura é a ponte para uma boa formação, já que sem ela, não há o entendimento das outras disciplinas na escola, sendo a leitura a forma de compreendê-las. Muitos alunos não vão bem em disciplinas tais como a matemática, por exemplo, porque não sabem ler de forma que compreendam o que está escrito.

A escola é um lugar onde se aprende a ler e a escrever e onde muitos alunos têm seu primeiro contato com o livro, com histórias contadas, e outras expressões de leitura que proporcionem essa experiência aos alunos.

A leitura de portadores de texto não é a única existente; há outras, além das que a escola ensina, lembrando que o leitor está inserido, está aberto a inúmeras leituras, como por exemplo, de caráter popular, leituras pelos meios de comunicação de massa. Assim, a leitura imposta em sala de aula não é a preferência dos alunos e nem deve ser a única do indivíduo, mas o eclético é o que proporcionará o crescimento, o olhar crítico com respeito ao que nos rodeia.

Enfatiza-se que a leitura não é feita somente por meio de livros, envolve algo maior, pressupõe transformar nossa visão de mundo, pois esta é uma leitura que fazemos da realidade. Entendendo as relações no mundo buscaremos compreender a cultura na qual vivemos, e é necessário entender a relação entre a leitura e a cultura, pois sem ela não compreenderemos esta última;

Seria preciso, então, considerar a leitura como um processo de compreensão de expressões formais e simbólicas, não importando por meio de que linguagem. Assim, o ato de ler se refere tanto a algo

²³ *Idem*, p.20.

²⁴ SOARES, Magda Becker, *op.cit.*, p. 19.

escrito quanto a outros tipos de expressão do fazer humano, caracterizando-se também como acontecimento histórico e estabelecendo uma relação igualmente histórica entre o leitor e o que é lido.²⁵

Essa relação entre o leitor e o que é lido se trata de uma experiência pessoal, sendo o leitor não somente o decodificador ou o receptor passivo: há um diálogo entre ele e o objeto lido, e esse diálogo é o que proporciona a interpretação, o entendimento do objeto:

Leitura é, basicamente, o ato de perceber e atribuir significados através de uma conjunção de fatores pessoais com o momento e o lugar, com as circunstâncias. Ler é interpretar uma percepção sob as influências de um determinado contexto. Esse processo leva o indivíduo a uma compreensão particular da realidade.²⁶

Nesse processo, o leitor utiliza seus conhecimentos prévios para a decodificação; ao passar os olhos sobre o texto, ele não precisa decodificar cada palavra todas as vezes, mas lembra de quando leu e pronuncia de acordo com a lembrança. Utilizando assim seus conhecimentos prévios de leitura, ele advinha o que está escrito; isso, quando já tem uma prática de leitura.

É fundamental essa interação do indivíduo com o que será lido, mas a atuação do professor se faz necessária, como já comentado anteriormente. Tem sido cada vez mais repensada esta atuação; é o professor que é o intermediador, é ele quem auxilia no processo de aprendizagem, e, “da postura professoral lendo **para** e/ou **pelo** educando, ele passar a ler **com**, certamente ocorrerá o intercâmbio das leituras, favorecendo a ambos, trazendo novos elementos para um e outro.”²⁷

Como o ambiente também influi em nossas atividades, um “texto” lido será entendido e dialogado ou não, de acordo com nossas condições emocionais e físicas, e nossa concentração só será de eficaz proveito se essas condições estiverem de comum acordo, ou seja, se emocional ou fisicamente estivermos abalados, nenhuma leitura que fizermos terá total compreensão, clareza.

²⁵ MARTINS, Maria Helena, *op.cit.*, p. 30.

²⁶ SOUZA, 1992, *apud* PEREIRA, **A importância da leitura nas séries iniciais**, 2007.

²⁷ MARTINS, Maria Helena, *op.cit.*, p.33 (Grifos do autor).

Em face da influência dessas questões, volta-se ao papel do professor, que não é o de ensinar os alunos necessariamente a ler, mas a de “criar condições para o educando realizar a sua própria aprendizagem, conforme seus próprios interesses, necessidades, fantasias, segundo as dúvidas e exigências que a realidade lhe apresenta.”²⁸ E essas condições não se referem somente a alfabetizar e/ou propiciar acesso aos livros, mas fazer o aluno compreender a cultura, o mundo letrado, para que ele possa dialogar com sua realidade, saber ler a realidade apresentada a ele.

A leitura que fazemos desperta a fantasia, proporciona o conhecimento com o qual podemos refletir sobre a realidade. Como não somos seres neutros, em nossa leitura há três fatores que contribuem para o resultado, que são, de acordo com Martins²⁹ os níveis sensorial, emocional e racional.

A leitura sensorial envolve os sentidos como a visão, o tato, a audição, o olfato e o próprio gosto, que são elementares no ato de ler; a leitura sensorial vai dando conhecimento ao leitor do que ele gosta ou não, mesmo inconscientemente. Nessa leitura, muito está envolvido o que agrada aos olhos, e assim gravuras coloridas nos instigam a curiosidade, o que ocasiona o ato de ler.

O cheiro do livro, o tamanho das letras, a quantidade de laudas, a capa, toda sua estrutura pode contribuir para nossa escolha, e quando tal escolha nos emociona, seja nos deixando tristes, alegres, curiosos, fantasiosos, nos leva a outro nível da leitura, a emocional, que é “a leitura mais comum de quem diz gostar de ler, talvez a que dê maior prazer”³⁰.

A leitura emocional deixa “marcas” em nossa memória, na qual às vezes, encontramos cenas de leituras feitas anteriormente, as quais com o passar do tempo se tornam referências a nossa vida. Um exemplo é a leitura que fiz durante o curso de Pedagogia; vez por outra, quando na prática, lembro de Piaget, entre outros muito importantes.

Da mesma forma que há lembranças boas, existem aquelas ruins, leituras que foram feitas às pressas, que em nada são proveitosas, não absorvemos o conteúdo que precisávamos, como por exemplo, textos lidos para uma prova.

Assim, a leitura emocional se constitui de acontecimentos ocasionados na vida do leitor. É um processo de participação afetiva, importante em âmbito individual e

²⁸ MARTINS, Maria Helena, *op. cit.*, p.34.

²⁹ *Idem*, p.37.

³⁰ *Idem*, p.49.

social. Esse tipo de leitura pode nos humanizar, pois “a convivência social, cultural e política, principalmente nos centros urbanos, vai-nos transformando em joguetes de nossas racionalizações, levando-nos a expressar emoções dissimuladas, quando não contrária ao que realmente sentimos”³¹.

Há outro nível de leitura, o racional, o qual não engloba gostos ou sentimentalismos, mas sim o intelecto; ela se coloca acima das outras formas de leitura, é condicionada por um ideal, limitando-se ao texto escrito, evidenciando a aquisição do conhecimento, a compreensão e o diálogo com o texto.

Esses três níveis de leitura não podem ser encontrados sozinhos: jamais faremos uma leitura unicamente sensorial ou emocional ou ainda racional; apesar de se distinguirem, elas estabelecem uma ponte entre si, uma complementa a outra para que a leitura de fato aconteça e lha atribuamos significado. O que pode acontecer é uma ficar mais em evidência do que as outras.

A leitura não é um ato passivo; se o fosse, não proporcionaria o conhecimento nem a reflexão. Porém, com a reflexão, ela deixa de ser mera decodificação e se torna interpretativa, ou seja, ao refletir, há a compreensão das entrelinhas.

Na leitura não há passividade, portanto há interação do leitor com o texto, emoções são expostas e objetivos movem a pessoa a ler. Cada vez que o leitor lê um mesmo texto pode estabelecer diferentes tipos de leitura; esta, por sua vez, precisa ser construída por nós: através do treinamento, nos aperfeiçoaremos e construiremos um modo nosso de ler para torná-la gratificante, prazerosa.

2.3 Responsabilidade do professor?

Tendo em mente o objetivo desta pesquisa, que é discutir como se forma um leitor, e embasando-se em Kato, que coloca a seguinte questão: “Se o professor ensinar o aluno a escrever, o aluno aprenderá automaticamente a ler”, então, ao falar sobre a aquisição da leitura, é impossível não comentar a relação íntima que ela tem com a escrita. A autora em foco afirma que, “uma vez iniciado o processo da aquisição da leitura e da escrita, parece haver uma interferência recíproca, de forma que quanto mais se lê melhor se escreve, e quanto mais se escreve melhor se lê”.³²

³¹ MARTINS, Maria Helena, *op. cit.*, p. 62.

³² KATO, Mary, **O aprendizado da leitura**, p. 7-8.

O mais interessante é saber que o processo da aquisição da leitura não depende unicamente da ação do professor, mas é uma tarefa que exige o comprometimento de todos os que cercam o aluno, a começar pela família, pois se esta não tiver o hábito de ler dificilmente a criança terá “gosto” pela leitura; é o exemplo que faz o leitor, já que “o homem se aguça a face de outro homem”. O exemplo, começando a partir da família, terá continuidade na escola, com a motivação da parte do professor; sendo leitor assíduo, o educador motivará seus alunos, fazendo, além disso leitura de livros de literatura em sala e deixando à disposição do educando diferentes portadores de texto.

Em vista do exposto, ao analisar o processo de aprendizado da leitura de um indivíduo, lembramos primeiramente do primeiro ano escolar da criança, ressaltando, porém, que

[...] O domínio da leitura antes de a criança iniciar a primeira série é um fator determinante de seu bom desenvolvimento como leitora. Ou seja, o fato de a criança estar inserida numa cultura letrada tem uma influência positiva significativa em seu processo em leitura nas primeiras séries escolares.³³

Uma criança que inicia sua vida escolar antes dos seis anos de idade tem maior probabilidade de aprender com mais rapidez do que uma outra que inicia essa trajetória aos seis anos. Isto porque o aluno, quando está em contato direto com a realidade escolar, está sendo letrado, ou seja, ele passa a viver em um ambiente em que se lê com mais frequência livros de literatura infantil, por exemplo. Ele está em contato com diferentes portadores de textos e, além de sua vivência que antecede a escola, agora ele tem outros fatores que contribuem para a sua formação de leitor, sendo que suas experiências sociais influenciam na aquisição da leitura. Em seu contato com a sociedade, talvez sem perceber, aprende a importância da leitura e, enquanto não adquire esta, sente-se inferior a outros indivíduos.

Chegamos, agora, à questão dos métodos utilizados: tradicional, global, misto. Baseando-se em Freire, sabe-se que as crianças não são depósitos em que podemos colocar informações e como uma espécie de mágica ela aprenderá a ler. Para este autor,

³³ TERZI, Sylvia Bueno, **A construção da leitura**, p. 14.

Na visão “bancária” da educação, o “saber” é uma doação dos que se julgam sábios aos que julgam nada saber. Doação que se funda numa das manifestações instrumentais da ideologia da opressão – a absolutização da ignorância, que constitui o que chamamos de alienação da ignorância, segundo a qual esta se encontra sempre no outro.³⁴

Todos nós somos seres ativos e reflexivos, e assim, quando a criança passa a ter contato direto com diferentes portadores de textos, relacionará os mesmos com seus conhecimentos anteriores. O professor, nesta perspectiva, não é um depositador de conhecimentos, mas sim um criador de situações-problema, as quais sendo superadas, proporcionarão o conhecimento. Assim, voltando à questão dos métodos, notou-se que no geral os docentes não propunham uma situação-problema e o modo como ensinavam não tinha sentido, pois não há como ensinar algo abordando partes; é melhor tomar um contexto e, de acordo com as dificuldades, explicar deste modo suas partes.

Na maioria dos casos, o professor se vê em meio a um amontoado de deveres e por conseguinte que prefere não construir sua prática, sendo que a válvula de escape se torna procurar uma “receita” pronta para suprir suas dificuldades. O mais importante, contudo, é notar como se dá o processo da leitura; como já se observou, o leitor fluente não necessita decodificar cada letra, mas quando já tem conhecimento de qual se trata a palavra ele simplesmente adivinha. Por exemplo, em um pequeno texto havia nomes próprios, e foi pedido que uma aluna tentasse ler o mesmo. Depois de algum tempo, ela veio informando que o que conseguiu ler foram as palavras com que ela tinha contato, as quais eram: Maria, João e família; ela conseguiu ler ou reconheceu as palavras pelo simples fato de seu nome ser Maria e seu pai e seu irmão se chamarem João. Isso prova que ela utilizou o conhecimento adquirido anteriormente e constatamos que “a aprendizagem se faz em situações verdadeiras de leitura, e com os suportes reais que a vida propõe”.³⁵

[...] Cada palavra funciona como um índice de experiências e conhecimentos previamente adquiridos pelo leitor, que nela se inscrevem: ao lê-la, o leitor ativa uma determinada rede de conhecimentos da memória. Esses conhecimentos ativados vão, por sua vez, influenciar a atribuição às demais palavras do texto, num processo de re-significação. [...] Portanto, enfatizar o ensino de

³⁴ FREIRE, Paulo, **Pedagogia do oprimido**, p.33.

³⁵ CHARMEUX, Eveline, *op.cit.*, p.25.

palavras isoladamente, fora de um contexto significativo, significa impedir o desenvolvimento de leitura das crianças.³⁶

Ensinar a ler engloba vários fatores, e Vygotsky nos explica que esse processo envolve o que ele chama de Zona de Desenvolvimento Proximal (ZDP), ou seja, “é, essencialmente, uma área de dissonância cognitiva que corresponde potencial do aprendiz”.³⁷

Além disso,

Para Vygotsky, o desenvolvimento consiste num processo de aprendizagem do uso das ferramentas intelectuais, através da interação social com outros mais experimentados no uso dessas ferramentas. Uma dessas ferramentas é a linguagem. A essa luz, a interação social mais efetiva é aquela na qual ocorre a resolução de um problema em conjunto, [...] sob orientação do participante mais apto a utilizar as ferramentas intelectuais adequadas.³⁸

A aprendizagem, portanto envolve o aspecto cognitivo do aluno, mas também a intersubjetividade, que é o estado de efetiva comunicação em que é compartilhada a mesma perspectiva do assunto em discussão; “pressupõe, então um compromisso mútuo dos interlocutores para com a mesma realidade sobre a qual se fala, e esse compromisso tem como base uma crença na existência de um mundo comum.”³⁹ Há, também, a mediação semiótica, que inclui a expressão verbal e a não-verbal e que proporciona um mundo temporariamente compartilhado entre adulto e criança.

Além desses fatores citados acima, o que complementa a aprendizagem está relacionado à afetividade e à valoração. A “afetividade não é a expressão física de carinho que vemos comumente nas salas de aula e que refletem o significado que os professores atribuem ao termo. Ao contrário, afetividade implica confiança e respeito mútuos.”⁴⁰ Ou seja, respeito da parte do professor para com seu aluno como ser humano que traz consigo conhecimentos prévios, sua maneira de aprender, seu ritmo; também inclui respeito da parte do aluno para com seu professor, respeitá-lo como alguém que tem mais conhecimentos e está em condições para orientá-lo.

³⁶ TERZI, Sylvia Bueno, *op.cit.*, p. 15.

³⁷ FINO, Carlos Nogueira, **Vygotsky e a zona de desenvolvimento proximal (ZDP): três implicações pedagógicas**, v.14 n. 2 p. 278.

³⁸ *Idem, ibidem.*

³⁹ TERZI, Sylvia Bueno, *op. cit.*, p. 22.

⁴⁰ *Idem*, p. 23-24.

Quanto ao outro fator que dá base para o aprendizado, “por valoração entendemos que aquilo que está sendo ensinado deva ter um valor, deva ter um sentido tanto para quem ensina como para quem aprende.”⁴¹

Da mesma forma, “aprender a ler é aprender a construir sentido, e tudo que não conduzir diretamente a este resultado não pode pretender ser uma aprendizagem da leitura”.⁴² Não trabalhar com o conhecimento prévio da criança e não considerar o que tem significado para ela não fará da mesma um leitor, o mesmo ocorrendo com o simples ato de copiar palavras. O ato de ela vir até o professor com dúvidas em como se escreve determinada palavra, mesmo a palavra estando escrita no quadro, mostra por outro lado que a criança está construindo o seu processo de um futuro leitor interpretador.

Concluindo, pertence ao papel do professor

o conhecimento de como as crianças aprendem. A partir desse conhecimento o professor terá condições de colocar questões que provoquem nas crianças reestruturações de conhecimentos prévios. Tais reestruturações são acompanhadas de interesse e motivação pela atividade sugerida. Essa vivência de interesse e motivação diante das atividades propostas contribui de muitas maneiras: estimula o gosto pelos estudos; gera o sentimento de autonomia intelectual, ou seja, a criança aprende a buscar recursos próprios para refletir sobre os problemas enfrentados no dia-a-dia, em vez de se tornar dependente de alguém disposto a dizer o que deve ou não ser feito; desperta uma auto-imagem positiva, pois a criança se sente capaz de superar desafios, transformando-os em novas conquistas.⁴³

Se aplicados todos os fatores envolvidos no processo de aprendizagem, a prática do educador facilmente trará resultados.

⁴¹ TERZI, Sylvia Bueno, *op. cit.*, p. 24.

⁴² CHARMEUX, Eveline, **Aprender a ler**: vencendo o fracasso, p.88.

⁴³ SEBER, Maria da Glória, **Psicologia do pré-escolar**: uma visão construtivista, p.48.



Capítulo III

A COMPREENSÃO NA LEITURA

CAPÍTULO III

A COMPREENSÃO NA LEITURA

3.1 Estabelecimento de objetivos para a compreensão da leitura

Ao longo do curso de Pedagogia tentava compreender os textos que os professores pediam para que nós lêssemos, porém não entendia, porque tudo era estranho e nada me chamava atenção, e me perguntava: será que estava no curso certo? Era uma pergunta que fazia constantemente. Mas ao ler Kleiman (1997), Solé (1998) e Koch e Elias (2009), pude perceber o que acontecia; elas fazem alguns apontamentos sobre fatores que proporcionam a compreensão.

A concepção dialógica da língua adota, por exemplo, o ponto de vista que considera a leitura como uma “atividade na qual se leva em conta as experiências e os conhecimentos do leitor”,⁴⁴ experiências e conhecimentos definidos como conhecimentos prévios, que colaboram muito para uma boa leitura. Aborda diversos aspectos da compreensão da leitura, que engloba o “conhecimento dos elementos linguísticos (uso de determinadas expressões, léxico antigo etc.), esquemas cognitivos, bagagem cultural, circunstâncias em que o texto foi produzido”.⁴⁵

Pode-se ver, desta forma, que “a leitura de um texto exige do leitor bem mais que o conhecimento do código linguístico, uma vez que o texto não é simples produção da codificação de um emissor a ser decodificado por um receptor passivo.”

46

A construção de sentido do texto não é apresentada simplesmente porque o texto está escrito e só bastaria sua decodificação para seu entendimento. Cada leitor tem um conhecimento, uma motivação para ler o texto, contudo ele pode decodificar o texto e não compreender uma só palavra. Isso acontece, por exemplo, se uma criança ler um texto de Paulo Freire: ela poderá decodificar o código, mas não construirá sentido, pois este se faz, se constrói com conhecimentos já acumulados, o que sabemos sobre o que estamos lendo. Isto se deve a que “a leitura é o processo

⁴⁴ KOCH, Ingedore Villaça; ELIAS, Vanda Maria, **Ler e compreender**: os sentidos do texto, p.11.

⁴⁵ *Idem*, p.24.

⁴⁶ *Idem*, p.11.

no qual o leitor realiza um trabalho ativo de compreensão e interpretação do texto, a partir de seus objetivos, de seu conhecimento sobre o assunto, sobre o autor, de tudo o que sabe sobre a linguagem etc.”⁴⁷

Para a leitura se estabelecem objetivos, existe uma intencionalidade que norteia como vamos ler um portador de texto. São os objetivos que vão regular o nosso grau de atenção, tempo e interação com o texto, porém só os objetivos não fazem com que a leitura seja compreendida, “a compreensão de um texto escrito envolve a compreensão de frases e sentenças, de argumentos, de provas formais e informais, de objetivos, de intenções, muitas das vezes de ações e de motivações, isto é, abrange muitas das possíveis dimensões do ato de compreender.”⁴⁸ Utilizando nosso acervo de conhecimento, nossa estrutura cognitiva elabora esquemas de assimilação que tornam possível organizar nossa compreensão.

Ler textos que discutem filosofia foi um grande desafio, pois o segundo grau não havia proporcionado base suficiente para a graduação. Portanto, que faltava para minha compreensão era conhecimento prévio, já que “o leitor utiliza na leitura o que ele já sabe, o conhecimento adquirido ao longo de sua vida. É mediante a interação de diversos níveis de conhecimento, como o conhecimento linguístico, o textual, o conhecimento de mundo, que o leitor consegue construir o sentido do texto.”⁴⁹

Fatores que envolvem a compreensão do texto estão relacionados também à escrita do texto, que tem que estar bem escrito para ser compreendido. Incluem o que já conhecemos sobre o assunto, que tipo de relação estabelecemos com o texto. Compreender, portanto, não é uma questão de tudo ou nada, é relativo ao conhecimento que temos, o conhecimento prévio. Quanto ao leitor e seus conhecimentos, deve-se lembrar que esses conhecimentos variam de leitor para leitor e, assim, a leitura terá diferentes sentidos. Vale ainda lembrar que, quando um texto é produzido, o autor o escreve para determinados leitores que tenham os conhecimentos necessários para a sua compreensão: “um texto não se destina a todos e a quaisquer leitores, mas pressupõe um determinado tipo de leitor”.⁵⁰

⁴⁷ BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental, Parâmetros Curriculares Nacionais: terceiro e quarto ciclos de ensino fundamental: Língua Portuguesa *apud* KOCH, Ingedore Villaça; ELIAS, Vanda Maria, **Ler e compreender: os sentidos do texto**, p.12.

⁴⁸ KLEIMAN, Ângela, **Texto e leitor: Aspectos cognitivos da leitura**, p.10.

⁴⁹ *Idem*, p.13.

⁵⁰ KOCH, Ingedore Villaça; ELIAS, Vanda Maria, *op.cit.*, p.28.

“Durante toda a nossa vida, [...] vamos construindo representações da realidade, dos elementos constitutivos da nossa cultura, entendida em sentido amplo: valores, sistemas conceituais, ideologia, sistemas de comunicação, procedimentos etc.”.⁵¹

No campo do conhecimento prévio podemos notar o conhecimento de mundo, que como já explicitado são experiências, o convívio na sociedade, os quais são essenciais para a compreensão do texto. É impossível não lembrar de Paulo Freire, que em suas obras nos mostra que devemos trabalhar a partir das informações que a criança possui do seu mundo. Com a leitura é dessa forma, a criança não vai só decodificar, irá compreender a palavra com significado. Por exemplo,⁵²: no portão de uma escola havia um cartaz escrito: “Por motivos de segurança mantenha este portão fechado”, uma criança ao ler este cartaz não apenas decodificou, mas entendeu que era necessário manter o portão fechado.

Assim compreendo que a leitura não é um processo passivo, há interação com o texto, e sem o conhecimento prévio não há como obter compreensão de fato. Mas a outros fatores importantes na compreensão, o conhecimento linguístico e o textual⁵³, quando estamos lendo um texto o qual temos algum conhecimento prévio e nos deparamos com palavras que não fazem parte do nosso meio lingüístico deixamos de entender a ideia que o autor quer nos transmitir, estes mostram ser “problemas ou obstáculos que nos impede a compreensão, [...] a leitura se interrompe e dedicamos nossa atenção a desfazer o obstáculo.”⁵⁴

Ao ler vamos estabelecendo estratégias de leitura e ativando os conhecimentos que temos para chegar ao momento da compreensão, nessas estratégias estão presentes nossos objetivos e motivações para ler, a “leitura será motivadora para alguém se o conteúdo estiver ligado aos interesses da pessoa que tem que ler e, naturalmente, se a tarefa em si corresponde a um objetivo.”⁵⁵

Nosso conhecimento prévio nos proporciona antecipar sobre do que se trata um texto somente pela leitura do título.

⁵¹ SOLÉ, Isabel, **Estratégias de leitura**, p. 40.

⁵² Os exemplos colocados no texto, são referentes as experiências que tenho com o estágio na instituição SESC – Escola, Rondonópolis, com a turma de alfabetização.

⁵³ Não cabe a esta pesquisa explicar detalhadamente o conhecimento linguístico e o textual, pois aborda uma área a qual não é da pretensão da pesquisa abordar, para mais informações a respeito deste tema poderá encontrar na seguinte referência: KLEIMAN, Ângela. **Texto e leitor: Aspectos cognitivos da leitura**. 5.ed. Campinas: Pontes, 1997.

⁵⁴ SOLÉ, Isabel, *op.cit*, p.41.

⁵⁵ *Idem*, p.43.

Na atividade de leitores ativos, estabelecemos relações entre nossos conhecimentos anteriormente constituídos e as novas informações contidas no texto, fazemos inferências, comparações, formulamos perguntas relacionadas com o seu conteúdo. [...] processamos, criticamos, contrastamos e avaliamos as informações que nos são apresentadas, produzindo sentido para o que lemos. Em outras palavras, agimos estrategicamente, o que nos permite dirigir e autorregular nosso próprio processo de leitura.⁵⁶

É interessante notar quando pedimos a um aluno que leia determinado texto e ele não o lê, dá desculpas, e acaba não querendo ler, isso acontece quando o aluno sabe que não consegue decodificar como esperado pelo professor, a atividade de leitura acaba sendo uma frustração ao aluno, isso porque “para que uma pessoa possa se envolver em uma atividade de leitura, é necessário que sinta que é capaz de ler, de compreender o texto que tem em mãos.”⁵⁷ Percebeu-se isto quando foi solicitado a algumas alunas que lessem trecho de um livro: uma em especial tinha confiança ao ler, enquanto uma outra ainda confundia algumas letras ao decodificar (trocando *q* por *p*, *d* por *b*), mas tentava fazer tal ação. Aconteceu o que Terzi (2006) observou em sua pesquisa: mesmo não sabendo o que estava lendo, a criança continuava a produzir sons, mostrando que não estava entendendo o que lia, “ler se resumia a decodificar os símbolos gráficos da escrita em sons, sem qualquer preocupação com o sentido do que estava sendo lido.”⁵⁸

Pelo contrário, a leitura deve ser associada à construção de sentido, pois

é um processo no qual o leitor realiza um trabalho ativo de construção do significado do texto, a partir dos seus objetivos, do seu conhecimento sobre o assunto, sobre o autor, de tudo o que sabe sobre a língua: características do gênero, do portador, do sistema de escrita, etc. Não se trata simplesmente de extrair informação da escrita, decodificando-a letra por letra, palavra por palavra. Trata-se de uma atividade que implica, necessariamente, compreensão na qual os sentidos começam a ser constituídos antes da leitura propriamente dita. Qualquer leitor experiente que conseguir analisar sua própria leitura constatará que a decodificação é apenas um dos procedimentos que utiliza quando lê: a leitura fluente envolve uma série de outras estratégias como seleção, antecipação, inferência e verificação, sem as quais não é possível rapidez e proficiência. É o uso desses procedimentos que permite controlar o que vai sendo lido, tomar decisões diante de dificuldades de compreensão, arriscar-se

⁵⁶ KOCH, Ingedore Villaça; ELIAS, Vanda Maria, *op. cit.*, p.18.

⁵⁷ KOCH, Ingedore Villaça; ELIAS, Vanda Maria, *op. cit.*, p.42.

⁵⁸ TERZI, Sylvia Bueno, **A construção da leitura**, p.60.

diante do desconhecido, buscar no texto a comprovação das suposições feitas, etc.⁵⁹

Importa destacar que, ao ler o leitor, além de utilizar conhecimentos que já possui, adquire novos conhecimentos, à medida que compreende o que lê se informa, aprende, “permite que se aproxime do mundo de significados de um autor e lhe oferece novas perspectivas ou opiniões sobre determinados aspectos.”⁶⁰

Para tanto, a leitura se constitui de um processo ativo do leitor, pois o autor apresenta o texto pressupondo que o leitor realizará em sua leitura esquemas cognitivos compartilhados por meio de uma série de contribuições, ou seja, utilizará seus conhecimentos.

3.2 Situações implícitas na ação de aprender a compreender

Ao nos depararmos com o que constitui a ação de alfabetizar definimos logo que envolve a ação de ensinar a ler e a escrever; mas onde fica a compreensão?

Alfabetização é mais do que ensinar a ler e a escrever. Garton e Pratt a definem como “o domínio da linguagem falada e da leitura e da escrita [...]. Uma pessoa alfabetizada tem a capacidade de falar, ler e escrever com outra pessoa e a consecução da alfabetização implica aprender a falar, ler e escrever de forma competente”.⁶¹

No caso específico da leitura, seu primeiro passo é o processo de decodificação do texto, que está escrito em um determinado código. O sujeito precisa conhecer o código para saber decodificar e, a seguir, vir a ser um leitor.

O professor pode utilizar várias formas para apresentar esse código a seus alunos, vários métodos, mas não se pode esquecer que, embora o educando não tenha o domínio pleno do código, ele tem algum conhecimento prévio. Esse código pode ser apresentado em forma de leitura ou escrita, e só utilizando o código ele poderá aprendê-lo. O aluno tendo conhecimento desse código poderá iniciar sua aventura no mundo dos letrados. Esse início é o que estou discutindo há algumas linhas, a decodificação, e “aprender a decodificar pressupõe aprender as

⁵⁹ BRASIL. Ministério da Educação. **Parâmetros curriculares nacionais**: língua portuguesa, p.41.

⁶⁰ SOLÉ, Isabel, *op. cit.*, p.46.

⁶¹ GARTON; PRATT, 1991, p.19-20 *apud* SOLÉ, Isabel, **Estratégias de leitura**, p.50.

correspondências que existem entre os sons da linguagem e os signos ou os conjuntos de signos gráficos – as letras e conjuntos de letras – que os representam”.⁶²

No entanto, já ficou claro que ler não se resume “a decodificar os símbolos gráficos da escrita em sons, sem qualquer preocupação com o sentido”⁶³ do que se lê. A interação da criança com atividades que tenham significado proporcionará que as palavras, através da leitura e escrita, possam ser em sua mente registradas. Isso acontece pelo uso da linguagem escrita, o qual oportuniza à criança compreender o sentido do texto, uma vez que

o sentido de um texto é **construído na interação texto-sujeito** e não algo que preexista a essa interação. **A leitura** é, pois, uma **atividade interativa altamente complexa de produção de sentidos**, que se realiza evidentemente com base nos elementos linguísticos presentes na superfície textual e na sua forma de organização, mas requer a mobilização de um vasto conjunto de saberes no interior de evento comunicativo.⁶⁴

Existem situações, entretanto, em que os discentes não estão envolvidos com a leitura, não relacionam a decodificação com a compreensão, os sons das palavras são produzidos sem ao menos ter sentido algum. Quando eles estão lendo e simplesmente trocam letras e não voltam sua leitura para corrigir, tentando encontrar o sentido na palavra lida, evidenciam que não percebem o erro e não estranham estar produzindo “palavras” desconhecidas.⁶⁵

A compreensão de uma história, por exemplo, acontece com a interação de leitor e texto, na qual a criança utiliza

seu conhecimento prévio sobre a escrita em geral e sobre a narrativa em particular, seu conhecimento de mundo e seu conhecimento do alfabeto como pistas para identificar as palavras que representam, graficamente, as informações que tem na memória e que já conseguem expressar oralmente.⁶⁶

Isso, para crianças que têm a linguagem oral bem desenvolvida, adquirida em narrativas de histórias, que têm contato com ambientes onde o letramento faz parte

⁶² SOLÉ, Isabel, *op.cit.*, p.52.

⁶³ TERZI, Sylvia Bueno, *op.cit.*, p. 60

⁶⁴ KOCH, Ingedore Villaça; ELIAS, Vanda Maria, *op. cit.*, p.11 (Grifos do autor).

⁶⁵ TERZI, Sylvia Bueno, *op.cit.*, p. 61.

⁶⁶ *Idem*, p.63.

do cotidiano. Nessa fase a criança tem a “percepção de que o texto é portador de sentido e, posteriormente, a percepção de que, para a construção desse significado, o leitor deverá utilizar, além das informações textuais, seu conhecimento previamente adquirido, armazenado na memória”.⁶⁷

Porém, quando a criança ingressa na escola essa oralidade é trabalhada pela professora, por exemplo, após contar uma história, ao dialogar com seus alunos, levando-os a se lembrarem de aspectos da história. Essa intervenção é necessária da parte do educador para que o aluno tenha em mente a significação da leitura, com tal atitude a compreensão se torna mais fácil.

Deste modo, a compreensão por parte da criança não se dá durante o ato da leitura realizada pelo professor. É necessária a intervenção do adulto para que esse processo seja entendido, é através das atividades propostas pelo professor e seu diálogo com o aluno que este pode entender o texto, na sua dialogicidade, sua interpretação.

“[...] O aluno precisa ser preparado para tornar-se sujeito de sua ação. Deve ele penetrar nos textos e deles retirar as significações possíveis”⁶⁸, com a ajuda do professor. É interessante notar quando, apesar de sabermos que os alunos já sabem ler, eles não o fazem com atenção, com a interpretação possível. Por exemplo, em uma atividade que apresentava ramalhetes com três flores cada um, havia o seguinte questionamento: Quantas flores há acima? E se tirarmos quatro ramalhetes, quantas flores teriam? Os alunos não compreenderam as perguntas sozinhos, dando uma interpretação incompleta e só entendendo realmente quando foi lida a atividade pela professora, que frisou a palavra flores; verificou-se que a compreensão de um texto ou atividade depende da interpretação que dele se faz. É evidente também que para aprender a ler é necessário ler, não sendo possível ensinar sem o próprio ato.

É com muito pesar porém que se encontram crianças com sete anos que não sabem sequer decodificar, o que seria o primeiro passo para a formação do leitor, tarefa essa que deve ser desenvolvida pelo docente. É também através da ação deste que os alunos se tornam pessoas que não têm autonomia.

Quando o professor não estimula o aluno a pensar, este não pensará e sempre dependerá daquele para realizar qualquer atividade que seja.

⁶⁷ *Idem*, p.64.

⁶⁸ VIEIRA, Javert, **Suportes para o desenvolvimento da leitura como ampliação da visão de mundo: uma proposta para Mato Grosso**, p. 161.

No entanto, não devemos esquecer que a competência se cria, se constrói. Assim, mais do que “esperar” que o aluno dê indícios do que pode fazer, seria mais conveniente perguntar-nos sobre o que é capaz e sobre o que podemos fazer para ajudá-lo a aumentar suas possibilidades, para torná-lo mais competente e autônomo.⁶⁹

A exemplo das formas como podemos ajudar os aprendizes a aumentar suas possibilidades, tenho um fato a comentar sobre uma determinada aluna.⁷⁰ Ao longo do ano seu desenvolvimento com a leitura e a escrita foi surpreendente, pois, de acordo com as fases da aquisição da escrita de Emilia Ferreiro, ela já está na fase alfabética. Ao analisar os estímulos que essa criança tem em seu ambiente, que são leituras feitas por familiares, estímulos na escola, viver em meio aos livros, foi relatado por um membro de sua família que ela não dorme antes de ouvir uma história, e na escola as atividades de que mais gosta são as que utilizam a escrita; não escreve simplesmente frases como a maioria dos alunos e já tem a compreensão de que através da escrita é possível descrever situações vivenciadas. Realmente, confirmou-se que o conhecimento prévio é consideravelmente importante para a aprendizagem, seja de leitura ou escrita.

A interação dessa aluna com os colegas tem surtido bons resultados. Por notarem que ela tem a disponibilidade de escrever mais que uma frase, muitas de suas colegas têm copiado sua iniciativa, sendo que a escrita dessas crianças tem mostrado características interessantes que revelam seu conhecimento prévio. Por exemplo, há uma aluna cuja escrita difere da dos demais, e ela se propõe escrever palavras mais complexas para a maioria deles. Essas experiências revelam que as alunas citadas têm um bom hábito de leitura que tem sido evidenciado em sua escrita.

No entanto, durante duas semanas de regência em uma sala de alfabetização, pude notar que os discentes tinham total dependência da professora regente. Já que a escrita da criança mostra como está sua leitura e como pude perceber que os alunos observados, em sua maioria, não conseguiam formar uma frase sozinhos, por consequência pude inferir que a leitura também não era a esperada para uma turma de alfabetização no mês de setembro.

⁶⁹ SOLÉ, Isabel, *op.cit.*, p.171.

⁷⁰ Experiência observada no Sesc-Escola.

Assim, para que o aprendiz se torne um bom leitor, é fundamental capacitá-lo para ler de forma autônoma e produtiva ⁷¹, pois a autonomia é essencial para a aprendizagem da leitura. Porém existem práticas que desconsideram a autonomia do aluno.

Nas atividades propostas era comum encontrar o seguinte comportamento entre as crianças:

não se voluntariam a responder perguntas, mesmo que estimuladas a isso, limitando-se a participar somente quando diretamente chamadas. Além, disso demonstram uma certa resistência à tarefa, oferecendo respostas breves ou negando-se a responder, sob a alegação de não serem capazes de fazê-lo.⁷²

Diante dessas atitudes presentes na sala, tinha a impressão de que as crianças não estavam acostumadas a pensar por elas mesmas.

Observei que os alunos sabiam, por exemplo, que para formar “BA” teriam que colocar “B + A”; no entanto, no exercício da leitura em uma palavra, não conseguiam ler a palavra inteira sem outra pessoa ir falando “B com A é”; mas parecia mais uma questão de descontextualização. Esta situação foi observada em muitas crianças.

A professora pediu para aproveitarmos a discussão sobre o trânsito e trabalharmos as sílabas “TRA, TRE, TRI, TRO, TRU”. Assim, ela sem querer nos mostrou que trabalha com o método silábico, mesmo afirmando que não trabalha de modo descontextualizado as sílabas, ao dizer que utiliza um texto que tenha palavras com as sílabas que pretende abordar.

A prática da educadora não tem surtido efeito: os alunos não recebem estímulo para escrever, notei que não têm autonomia para realizar as atividades, dependem muito de alguém lhes dizendo o que deveriam escrever ou simplesmente copiar do quadro. Tais atitudes fazem parte da educação bancária a que Paulo Freire se referiu: o professor é o dono do conhecimento, enquanto o aluno deve simplesmente reter as informações que o professor lhe expõe.

Durante muito tempo consideramos a atividade de ler como uma sequência, na qual o aprendiz passa por certas etapas que poderíamos caracterizar mais ou menos da seguinte maneira: 1º, a criança não sabe nada sobre a leitura (= não sabe o código); 2º, a

⁷¹ SOLÉ, Isabel, *op.cit.*, p.81.

⁷² TERZI, Sylvia Bueno, **A construção da leitura**, p.132.

criança aprende o código (= mecanismo); 3º, a criança já pode compreender (= mistério). Esta sequência não é válida, porque 1º, a criança sabe coisas relevantes sobre a leitura embora não saiba o código (= conhecimentos prévios relevantes); 2º, se a deixarmos, a criança pode se basear nestes conhecimentos para aprender a leitura (= se ensina e se aprende a compreender e se ensina e se aprende o código em atividades significativas de leitura) e 3º, a criança pode aprender a utilizar a leitura como meio de aprendizagem e de prazer (= situações de ensino especificamente dirigidas para este fim).⁷³

Pude constatar durante alguns meses em minhas observações que o processo de aprendizado da leitura deve partir dos estímulos, os quais precisam estar presentes no ambiente escolar, pois “a aprendizagem se faz em situações verdadeiras de leitura”⁷⁴. Havia⁷⁵ na sala um canto da leitura com diversos portadores de textos disponíveis para as crianças lerem o que fosse do seu agrado, nas horas vagas entre uma atividade e outra. Esse tipo de estímulo surte efeito, pois em minha observação notei como deixar portadores de textos à disposição dos discentes contribuiu para estimular neles o gosto pela leitura. Por diversas vezes, entre duas atividades, os alunos que terminavam antes que os outros eram estimulados a escolher um livro ou gibi para lerem, e com o passar do tempo as crianças passaram a pegar esses portadores de texto por sua própria conta.

Como não se aprende a ler sem o próprio ato da leitura, foi usado pela professora um estímulo diferente: enviar livros para a casa dos alunos, para lerem como tarefa de casa. Também a leitura individual foi uma forma de incentivar o ato da leitura.

Ao iniciar o ano as práticas de leitura de livros infantis eram desenvolvidas com bastante frequência; depois conversávamos sobre o livro, eram feitas listagens das histórias para estimular não somente a escrita, mas a leitura das imagens e a compreensão da história lida. Os alunos assim podiam perceber que a história poderia ser contada através de imagens, escrita e oralização. Foi trabalhada a compreensão inicial da leitura e da escrita, que se dá em dois passos:

O primeiro consiste na observação das ilustrações e associação e estabelecimento de relações com objetos e eventos conhecidos, e o segundo, no estabelecimento de relações entre os objetos

⁷³ SOLÉ, Isabel, *op.cit.*, p.171.

⁷⁴ CHARMEUX, Eveline, **Aprender a ler**: vencendo o fracasso, p. 25.

⁷⁵ Observação no Sesc-Escola.

representados na ilustração, a representação dos mesmos na linguagem oral e a representação gráfica que os acompanha.⁷⁶

A leitura se realizou de diversas formas, explorando, por exemplo, como se poderia compreender uma pintura, a leitura sem propriamente o texto. A oralidade e a escrita são importantes no processo de aquisição da leitura, e através desses estímulos a criança poderá compreender as relações do sistema de escrita e as que se estabelecem entre ele e a linguagem oral. Para isto o professor deve ter em mente quais são seus objetivos de sua atuação, o que pretende alcançar, lembrando que

O papel do professor nesse contexto é criar oportunidades que permitam o desenvolvimento desse processo cognitivo, sendo que essas oportunidades poderão ser melhor criadas na medida em que o processo seja melhor conhecido: um conhecimento dos aspectos envolvidos na compreensão e das diversas estratégias que compõe os processos. Tal conhecimento se revela crucial para uma ação pedagógica bem informada e fundamentada.⁷⁷

Neste contexto, a atuação do professor diante do desenvolvimento do aluno com respeito à sua aprendizagem é fundamental, uma vez que ele deve utilizar estratégias que são situações-problema para que o aprendiz trilhe seu caminho no mundo do conhecimento.

⁷⁶ TERZI, Sylvia Bueno, **A construção da leitura**, p.63.

⁷⁷ KLEIMAN, Ângela, **Texto e leitor**: aspectos cognitivos da leitura, p. 7.

The background features a variety of blue-toned abstract elements: solid circles of different sizes, rounded rectangular bars, and several rectangular areas filled with a grid of small dots. The colors range from light sky blue to a darker, muted blue. The overall composition is clean and modern.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O fracasso escolar é um assunto que a cada dia preocupa os pais; muitos deles dialogam refletindo sobre o fazer pedagógico da época em que foram alfabetizados, não entendem como seus filhos não aprendem a ler e escrever.

Pensando nisso esta pesquisa buscou compreender qual seria a melhor maneira de se formar um leitor. Através de algumas leituras foi possível notar que o leitor se forma, primeiramente, oferecendo-se a ele a oportunidade de ser dono de sua aprendizagem, estimulando sua autonomia.

O aprendizado pela leitura da criança depende de vários fatores; por exemplo, se ela vive em um ambiente onde a leitura é um hábito, isso facilitará o desenvolvimento do leitor, uma vez que o conhecimento prévio é fator essencial para o desenvolvimento da leitura.

Porém os alunos que chegam à escola têm um conhecimento prévio eclético, motivado, muitas vezes, por fatores tais como a situação econômica, as oportunidades que lhes são oferecidas. Isso foi possível verificar em duas realidades distintas. As crianças com quem tive contato durante oito meses na instituição particular são crianças que têm maior repertório linguístico e as oportunidades oferecidas a eles são maiores em comparação com as crianças da escola onde realizei meu estágio.

Também a atitude do professor quanto à forma como ensina dependerá de vários fatores, primeiramente de ordem econômica: trabalhar onde não há recursos, onde as crianças não têm sequer um lápis é simplesmente desmotivador, porém não é impossível aplicar uma boa prática. Tinha em mente que os educadores escolhiam um método para ensinar as crianças, e na pesquisa pude verificar que existem vários métodos que funcionam com pelo menos uma criança.

Nas observações no estágio percebi o método utilizado pela professora era o silábico, método mais conhecido entre os educadores, com o qual a maioria das professoras regentes foi alfabetizada: a referência que elas têm é a própria experiência. Uma vez que os métodos não são tão conhecidos como deveriam ser, os professores utilizam o que conhecem, pois acreditam ser aquele que surte efeito. No entanto a pesquisa não aprofundou esse aspecto; concentrei-me em expor brevemente que existem vários métodos e linhas de pensamento, métodos como o

silábico, global, misto, e linhas de pensamento sobre as quais não me aprofundei, mas gostaria de aprofundar meus estudos acerca do construtivismo.

Observei que o sujeito só se torna leitor realmente quando tem a compreensão do texto lido, ou seja, quando ele simplesmente decodifica não interpreta o que lê. E a compreensão é possível por meio da interpretação, que por sua vez tem a colaboração do conhecimento prévio. Para a leitura, então, é utilizado o conhecimento prévio, a antecipação, a decodificação, entre outras estratégias citadas.

Para a formação de leitores, porém, é necessário que o professor tenha uma atitude quanto a desenvolver em seus alunos a autonomia e não condicioná-los a serem meros “copistas”, situação observada no estágio, quando os aprendizes eram condicionados a depender da professora regente para a realização de todas as atividades e não demonstravam em momento algum ter autonomia. Para que as atividades propostas possam ter o efeito esperado, essa autonomia quanto à própria aprendizagem se desenvolve por meio de estímulos, do exemplo. Primeiramente, tendo em vista que não se formam leitores se o docente não for um leitor. Quando ele utiliza literatura infantil em suas aulas, por exemplo, o aluno tende a imitar o professor em seu hábito de ler. Foi possível constatar no ambiente onde trabalho que durante o ano os hábitos de leitura cresceram entre os alunos, seu interesse por ler aumentou, inclusive, à medida que compreendiam melhor a forma como a nossa língua é grafada.

Embora o aprendizado da leitura pela criança seja uma conquista que depende da autonomia, apesar de o sujeito ser agente de seu conhecimento, é necessário um mediador, sendo que o professor: deve cumprir esse papel ao utilizar estratégias para estimular a autonomia. O docente, assim, facilita a autonomia que contribui para o aprendizado da leitura e, conseqüentemente, da escrita.

The background features a variety of blue geometric elements: circles of different sizes, rounded rectangles, and rectangular grids of dots. Some shapes are solid, while others are semi-transparent or have a dot pattern. The colors range from light sky blue to a darker, more saturated blue. The overall aesthetic is clean, modern, and minimalist.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BIGNARDI, Fernando A. C. **Reflexões sobre a pesquisa qualitativa e quantitativa:** Maneiras complementares de apreender a Realidade. Disponível em: <http://www.comitepaz.org.br/download//PESQUISA%20QUALITATIVA>. Acesso em: 28 mar. 2010.

BOGDAN, Robert; BIKLEN, Sari. **Investigação qualitativa em educação.** Porto: Porto Editora, 1994.

BRASIL. Ministério da Educação. **Parâmetros curriculares nacionais:** língua portuguesa. Brasília: MEC/Secretaria de Educação Fundamental, 1997.

CAROLINA, Maria. **A importância da leitura.** Disponível em: http://www.colegiosantamaria.com.br/santamaria/aprenda-mais/artigos/ver.asp?artigo_id=2. Acesso em: 21 mar. 2010.

CHAMEUX, Eveline. **Aprender a ler:** vencendo o fracasso. 4. ed. São Paulo: Cortez, 1997.

DARNTON, Robert. História da leitura. In.: BURKE, Peter (org). **A escrita da história:** novas perspectivas. São Paulo: UNESP. 1992. p. 199-236.

FINO, Carlos Nogueira. Vygotsky e a Zona de Desenvolvimento Proximal (ZDP): três implicações pedagógicas. **Revista Portuguesa de Educação**, v. 14, n. 2, p. 273-291.

FREIRE, Paulo. A concepção bancária da educação como instrumento da opressão. Seus pressupostos, sua crítica. In:____. **Pedagogia do oprimido.** 17.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987. cap.2, p.33-43.

HISTÓRIA da escrita até os dias de hoje. Disponível em: <http://www.g-sat.net/historia-1394/historia-da-escrita-ate-aos-dias-de-hoje-193548.html?langid=4>. Acesso em: 14 abr. 2010.

KATO, Mary. Aquisição da escrita e “métodos” de alfabetização. In:____. **O aprendizado da leitura.** 6.ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007. cap.1, p.5-20.

KLEIMAN, Ângela. **Texto e Leitor:** aspectos cognitivos da leitura. 5.ed. Campinas: Pontes, 1997.

KOCH, Ingedore Villaça; ELIAS, Vanda Maria. Leitura, texto e sentido. In:____. **Ler e compreender:** os sentidos do texto. 3.ed. São Paulo: Contexto, 2009. cap. 1, p.7-37.

LUDKE, Menga; ANDRÉ, Marli E. D. **Pesquisa em educação:** abordagens qualitativas. São Paulo: EPU, 1986.

MARTINS, Maria Helena. **O que é leitura.** 19. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.

PEREIRA, Izaides. **A Importância da Leitura Nas Séries Iniciais**. Disponível em: <http://www.webartigos.com/articles/3046/1/A-Importancia-Da-Leitura-Nas-Series-Iniciais/pagina1.html>. Acesso em: 5 abr. 2010.

SANTO, Eniel do Espírito. **Pesquisa Bibliográfica**. Disponível em: http://www.heliorocha.com.br/graduacao/publicidade/download/MEP/MEP_Pesquisabibliografica.doc. Acesso em: 18 mar. 2010.

SEBER, Maria da Glória. Interação professor-aluno. In:____. **Psicologia do pré-escolar**: uma visão construtivista. São Paulo: Moderna, 1995. cap.3, p.38-49.

SOLÉ, Isabel. **Estratégias de Leitura**. 6. ed. Porto Alegre: ArtMed, 1998.

TERZI, Sylvia Bueno. **A construção da leitura**. Campinas: Pontes, 2006.

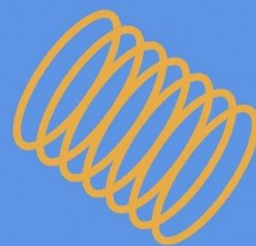
VIEIRA, Javert Melo. Estratégias de renovação do ensino da leitura. In:____. **Suportes para o desenvolvimento da leitura como ampliação da visão de mundo**: uma proposta para Mato Grosso. 1998. 247f. Tese (Doutorado em Educação)-Faculdade de Educação. Universidade de São Paulo, São Paulo, 1998. cap.5, f.158-226.

A AUTORA

NATÁLI AQUEMI FUGIMOTO RIBEIRO



***Formada pela UFMT (Rondonópolis) no curso Pedagogia (2010).
Atua na educação infantil na rede pública e na rede privada.***



ISBN 978-65-89976-05-9



9 786589 976059



Editora
MultiAtual